



Dois
Meninos
CONTOS

FABIANO A. SALIM

DOIS MENINOS

(CONTOS)

FABIANO A. SALIM

DOIS MENINOS

(CONTOS)

1ª edição

Belo Horizonte
Edição do autor
2019

Catálogo na Publicação (CIP)

Salim, Fabiano A.
S165d Dois meninos - contos / Fabiano A. Salim. –
1a. ed. – Belo Horizonte : Ed. do Autor, 2019.

116 p.

ISBN: 978-85-923868-2-5

1. Ficção brasileira – contos I. Título

CDD: B869.3

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

DOIS MENINOS (CONTOS)

© 2019 COPYRIGHT BY FABIANO A. SALIM

EDITOR

Fabiano A. Salim

SUPERVISÃO EDITORIAL e PROJETO GRÁFICO

Vanderlucio Vieira

ILUSTRAÇÃO CAPA

Tales Ramalho Salim

FOTOGRAFIA

Fabiano A. Salim

REVISÃO DE TEXTO

Ana Valéria Fink

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem a prévia autorização do autor, por escrito, sob pena de constituir violação do copyright (Lei 5.988)

Quer saber mais sobre o autor

fabianosalim@gmail.com

Impresso no Brasil

Formato Artes Gráfica

Belo Horizonte, dezembro / 2019

1ª edição: 2019

**ESTE LIVRO ESTÁ DE ACORDO
COM A NOVA ORTOGRAFIA.**

*Dedico este livro à cidade mineira de Patrocínio,
cujas praças enfeitaram minha infância,
pedras de suas calçadas acumpliciaram minha
juventude, suas ruas me conduziram.*

*Também aos meus netos
Guilherme e Bernardo.*

AGRADECIMENTOS

Um conto do vigário, sem peias nem meias.
Um conto de fada, com olor e amor.

Pequenos textos. Completos. Um recado, a moral da história. Se do bem ou do mal, aí já é com o leitor.

Isso é maravilhoso! Como também é a forma que arranjamos para colocar no papel o que brota na imaginação. Para tal, são imprescindíveis as raízes. Quanto a isso, sou privilegiado, me considero originário de dois Estados: Minas por nascimento, Bahia por adoção, quinhão inspirador, a boa terra, a de grandes amigos como Rosenilton Klecius Pereira Araújo, Carlos Magno Oliveira Costa e Archibaldo Daltro Barreto Filho, entre tantos.

SUMÁRIO

| | |
|------------------------|-----|
| DOIS MENINOS | 13 |
| AS CARTAS | 31 |
| O RIO DA CURVA..... | 43 |
| ÁGUA-EMENDADA | 53 |
| O PÉ DE CHINELO | 61 |
| A ROSA DO JARDIM | 75 |
| AGONIA | 85 |
| POUSADA MUSEU | 93 |
| SINCRONISMO | 109 |

DOIS MENINOS

A morte é um fenômeno igual
à vida; talvez os mortos vivam.

(Do livro **Esaú e Jacó**, de Machado de Assis)

A casa-sede em madeira, típica do meio rural do sul do País, era uma construção rústica, centenária, instigando orgulho por ter abrigado gerações e mais gerações.

Pelo lado de fora, a pintura desbotada mostrava o desgaste por conta do sol e da chuva. Uma chaminé destacava-se saliente, se exibindo, brotando soberana no telhado de barro.

Em seu interior, uma ampla cozinha, que resumia tudo o que acontecia na residência, tinha o branco das paredes domado pela fumaça soprada por um fogão a lenha de ferro fundido. Uma mesa enorme, quase atravessando todo o cômodo, além de servir para as refeições também

era empregada, em seu canto metade, como aparrador de tudo quanto há: chapéu, alforje, chicote, laço, ferramentas.

Chegamos naquele campo, em cima da serra, para a coleta de informações. Éramos uma equipe pequena, com dois técnicos e um ajudante.

Diferente das vezes anteriores o tempo não colaborou, a escuridão arrastou uma aragem gelada, compartilhando o momento em que encerramos nossas incursões pela mataria.

Mesmo com os trabalhos concluídos, aceitamos o convite do proprietário para o pernoite, seguindo adiante no clarão da manhã.

De início, achei desnecessário. Mas o agradável do lugar, unido à insistência do anfitrião, nos deixou uma ponta de que para ele seria importante, que companhias por ali eram de um raro prazer.

– Não tem energia elétrica, a água é de poço – disse, num aviso geral.

– Mas um dia só não vai matar ninguém da cidade – completou, abrindo um sorriso animador.

Seguiu-se àquela tardinha um breu disciplinado, dando cobertura a uma atmosfera friorenta. Enquanto esperávamos a ceia, a prosa foi recheada de cachacinhas e pinhão torrado na chapa quente do fogão.

Após o jantar, o bom papo continuou. Um rádio a pilha ritmava fundo musical para os relatos sobre a lida, a rotina naquele longe de tudo. Depois vieram as piadas, os casos e, entre eles, pitacos sobre a temperatura daquela noite que rapidamente descambava, nos obrigando a levantar a gola dos casacos, apertar os braços cruzados junto ao corpo ou esfregar as mãos.

– Isso não é nada. Aqui já fez muito mais frio, muito mais, de encarangar, vocês nem imaginam – exclamou o dono da casa.

Súbito, não sabíamos se era brincadeira de quem quer causar espanto. O fato é que, diante de nossas expressões interrogativas, começou ele a puxar lembranças sobre as temperaturas mais baixas por ali ocorridas. Antes, porém, enfatizou que aquele cocuruto de morro fazia da região a mais fria de todas que se sabe ao redor, bem mais que lugares onde turistas enchem pousadas atrás de passar frio. Disse que ali as

estações do ano e a gente pouca se entendiam. Eram moradores de casas salteadas, largadas nos campos de mirrada serventia, ou nenhuma, que não fosse a criação de gado solto, tal qual a vocação manda, se misturando aos dos vizinhos, separados de boa-fé quando da precisão de mandar algumas cabeças para o abate, e que, assim, iam tangendo os sitiantes uma convivência sossegada, difícil até de encontrar igual, seja onde quer que se ande. Arrematou afirmando que a precisão faz a união.

– Não concordam? – perguntou.

Depois de um pequeno prazo, observando a chama do candeeiro com sua luz amarelada desenhando figuras indecifráveis na parede, retomou a linha da conversa, falando de um destempero, de um frio descomunal que gangrenou sentimentos, devorou vidas, fez desgraça.

Fechando o semblante, com o olhar fixo em um prato com sobras do pão servido no jantar, disse que do outro lado da cerca, à esquerda de por onde chegamos, andando um tempinho medido em roças pequenas e pastagem nativa, estava a casa de seu compadre, viúvo, pai de dois filhos, dos quais ele era o padrinho. Dos dois. Ex-

plicou, em modo de brincadeira, que a escolha tinha que ser ele mesmo, pois faltava preferência. Não que ele fosse o bom geral, mas é que por aquelas bandas carecia de macho para ser padrinho de verdade. Esse detalhe fez, até que ele terminasse toda a narrativa, nosso último momento de descontração.

Daí, segurando de leve na beira do prato, usando o indicador e o polegar como um gancho, rodava lentamente o esmaltado enquanto girava sua história:

- Os meninos estavam sempre por aqui, de passagem para o acolá, levando um recado do pai para adiantar ou trazer serventias de pequeno porte. Faziam tudo de pernadas. Raramente apareciam com montaria e, quando de tal forma, em um só cavalo, era como se estivessem usufruindo de um grande passeio de domingo pela praça da igreja da cidade, onde poucas vezes tiveram oportunidade de ir.

Sem tirar o olhar do recipiente em movimento, foi adiantando:

- Aqui era sempre o ponto de descanso. Acho que criaram isso pela bondade que sentiam em sentar nesta mesma mesa e, sentados,

olhares cúmplices de felicidade fitando um ao outro, balançando as pernas que não ajustavam ainda o pé no chão, tomavam um café com leite, comiam alguns biscoitos e seguiam, mas nunca sem antes ouvir alguma história que eu buscava no passado, lá longe, ou inventava de pronto para agradar. Não eram gêmeos. O mais velho deles pouca diferença fazia no tamanho. Mas eram como se fossem da mesma barrigada, pois cara de um, focinho do outro. Duas crianças bem-educadas, até de duvidar de existir daquele jeito em criação por estes ermos. Sempre juntos, ajudando o pai na agilização de tarefas, a maioria dos servicinhos que faziam, quando precisavam sair da fazenda, era de pouca ficada fora de casa. O pai tinha muito agarramento com eles, eram o que mais lhe valia depois da morte da mãe, que aconteceu quando pariu o mais novinho.

Esboçou um sorriso:

– Eu achava graça. Às vezes, arranjavam uma empreitadazinha para outros lados, mas, mesmo assim, davam um jeito de arredar uma voltinha e passar por aqui, nem que fosse para pegar fogo, como dizem por aí.

Calou por um instante. Depois de suspirar profundamente, disse “é isso” e continuou falando dos afilhados:

– Pensava neles. Já estava preparando o bote para cima do compadre. Era só chegar a época mais adequada e investiria no velho para fazer com que eles fossem para a cidade encerrar escola melhor, fazer gente mais com estudos, porque a escola daqui não serve muito, só mesmo para um conhecimento de quase nada, então tinha que garimpar outro jeito, que só na cidade. Tenho uma irmã por lá. Já estava apalavrado com ela da ida deles quando fosse de hora. Isso não é papel de padrinho? – desafiou.

Pigarreou. Percorreu os olhos por toda a mesa como se ignorasse nossa presença. Com outro suspiro, agora embolado num “pois é” que quase não saiu, foi arrastando um diferente tom de voz:

– Certa feita, a última feita, foram despachados pelo pai para coisa a fazer na propriedade de um retireiro, não muito longe, bem ali, pelos fundos, logo depois do morrote que se vê daquela porta da frente. Passaram por aqui depois do de costume, do meio da tarde pra lá. Acho que

era a vez de um recado, meio que urgente, sobre uma junta de animais que o pai estava acertando para os próximos dois dias. Coisa assim. É o que estou lembrado. Então passaram de volta já com a noitinha engolindo o sol pelo rabo dos últimos raios. Tudo fazia saber que uma desafinação do clima estava rondando e que a temperatura mudaria a qualquer instante. Chamei para um golequentinho de chá para agasalhar o peito, eles não aceitaram. Só durante essa conversinha de nada, a situação embruteceu mais ainda. Um ventinho bobo, que nem batia cancelas, já maltratava. Atinei que poderia piorar, numa inverneira desabrida. Eu disse para ficarem, que no outro dia cedinho poderiam romper. Para tentar convencer, afirmei que o pai deles seria de aprovação quando soubesse das condições, da ameaça que estava. Também não concordaram. Fiquei olhando para eles até desaparecerem onde o terreno faz a dobra para baixo. Me deu uma coisa ruim por não ter insistido mais para segurar os dois aqui. O tempo enfeava a cada segundo e a imagem dos dois embrenhando no rumo de casa não me sai dos arrependimentos, ainda mais que o pai não era de criação severa como tem tantos por aí, não enfezaria com eles.

Nossa atenção era total. Continuou:

– No outro dia, logo cedinho, quando abri a janela da varandinha, o que encontrei misturado na claridade foi o sopro de lâmina do minuano insultando o rosto da gente. O branco tinha tomado conta do pasto, da vegetação rala, da cobertura do curral, das tábuas dos piquetes. Lá pra longe, no topo das árvores, era até bonito de ver. Aquele branco confundindo as vistas só me fez lembranças dos meninos, que nem durante o sono consegui apartar de minhas ideias. Sonhei com eles a noite toda. Acordava. Rezava para que tivessem chegado em casa. Dormia. Sonhava de novo.

Nosso convidador, apontando e balançando o indicador, falou:

– Quando abri aquela porta ali, vi um cisco que crescia naquele mundaréu embaçado. E lá vinha. Quase não dei conta de mim quando botei reparo que era o compadre. Naquele instante, o susto fez passar o frio, mas a tremura sacudia dos pés à cabeça. “Oi cumpade”. Não respondi. “Você viu meus garotos por aí?” Também não consegui responder. A esperança que ele guardava de que os meninos tivessem pousado por aqui, se foi.

Percebi o pavor, o desespero em seu semblante. Naquele momento, chorar não ajudaria. Vontade eu tive. Calados, saímos juntos para percorrer a trilha de costume dos guris. Ninguém. De longe vieram vizinhos no socorro. A gente rodando para tudo que era lado. Eu não sabia se as horas voavam ou se os minutos não passavam, tamanha era minha aflição de nada acontecer. Nada. Estava tudo no mesmo, a coisa não saía do lugar. “Eles devem ter desviado do caminho”. “Estão que nem perdidos por aí”. “São espertos, devem estar debaixo de uma laje, dentro de uma gruta, esperando para sair”. Assim meu compadre ia falando sem parar, buscando alento em qualquer motivo que fosse. Queria mesmo era botar os olhos nos dois filhos, que qualquer tragédia que tivesse brotado em sua cabeça não passaria de desinteligência de um pai desmiolado, justo quando Deus pede calma.

– Vocês não sabem o que é passar por isso!
– repetiu algumas vezes olhando cada um de nós, balançando levemente a cabeça, antes de prosseguir:

– De repente, o grito: “estão aqui”. A esperança tomou pico e logo desmoronou, tombou de

tudo, quando vimos os dois abraçados, as carinhas esbranquiçadas, dois anjos enrijecidos debaixo de uma pequena árvore. Se não fosse a cor da pele e os lábios arroxeados, até podia pensar que dormiam, de tão cara boa que estavam.

O anfitrião embargou a voz. Vi em seus olhos o reflexo da chama indecisa da lamparina. Dois brilhos cresceram em água rasa.

Depois de um certo tempo, raspando a garganta com uma falsa tosse, falou:

- Isso já vai certo tempo. Para mim, em todos os invernos, parece que as recordações aquecem os jeitinhos deles. Quando é neve, fico vendo os dois esparramados por todos os lugares.

E finalizou:

- Por estas bandas, seu moço, novidade é coisa sem presença. Tudo vai volteando no conforme da igualdade. Só a vida que não é mais a mesma. Nunca mais será.

Tentamos puxar outros assuntos, faltou maneira. Nos restaram os boas-noites e agradecimentos.

No outro dia, ao amanhecer, um assopro congelante, fazendo arder a pele, mostrava a cara

do tempo. Na volta, seguindo o caminho duplo, que nem aqueles abertos por carros-de-boi, com o capim pisado orientando as rodas do automóvel como se estivessem em movimento de equilíbrio na marcha lenta, minhas reflexões não desviavam. As palavras do dono da casa marcaram. Muito. Desarrumado estava meu pensamento na história que ouvi, que me acompanhou até o quarto na noite anterior, que fez parte dos meus pesadelos que ainda latejavam.

Sem vontade de conversar com os companheiros durante aquele reinício de viagem, sentado no banco da frente ao lado do motorista, passei a contemplar o visual. Era o de um matinho agachado, acinzentado, que guardava gotas de orvalho vibrando, faiscando preguiçosamente com o sol desbravador daquele instante. Me senti enturvado. Tentando ficar com a mente vazia, comecei a acompanhar a inclinação do terreno à minha direita, que subia devagar até traçar, não muito longe, a linha onde se juntava com um céu quase da mesma cor. Foi quando percebi que duas imagens, duas silhuetas, se destacando apenas pelo tom um pouco mais escuro que a tinta alvacentas que engolia toda a paisa-

gem, nos acompanhavam, caminhando no topo do monte. Eram como dois nós que percorriam atando o firmamento à terra, até que desapareceram quando o terreno tornou-se só planura, sumindo em um horizonte longínquo.

Urubici (SC), inverno de 2008.

AS CARTAS

A lembrança é no amor a cadeia mais pura.

(Do poema "**Ao crepúsculo**", de Manuel Bandeira)

Etudo começou com uma carta. Depois vieram muitas outras. Tenho todas guardadas. Junto com elas, lembrancinhas que às vezes vinham acompanhando. Me cativam até hoje. Foi assim, assim mesmo. Recebi uma carta. Achei estranho. Nem sabia como chegou até mim. Me disseram que pelos correios. Mas como? Muito esquisito! Não poderia me mandar um recado por alguém? Ou telefonar? Bobiça, né? Eu pensava que esse negócio de carta, com selo e tudo, nem existia mais. Nem punha a menor ideia de quem era que mandava. Achei muito elegante a caligrafia. Escrevia muita coisa bonita. No final das primeiras cartas, dizia que era o fã número um, que

me achava garbosa, isso mesmo, estava escrito desse jeitinho, eu até pensei que era um palavrão, mas não. Chegava uma carta por semana. Era tiro e queda. Parecia automático, programadinho em tudo. Naquela letra caprichada, vinham palavras que pareciam ser de outras línguas. Não entendia muito, não era muito boa nas coisas de ler, hoje até que estou mais ou menos. Nunca tinha lido um livro até pouco tempo atrás. Quando ia ao cinema lá na minha cidade, diversão que hoje não tem mais, aquelas letrinhas na tela, para mim, eram o fim, ou melhor, nunca tinham fim, pois eu passava o tempo todo sem entender nada. Mas também, né? Cedo abandonei a escola para trabalhar em casa das patroas. Umas boas, outras orgulhosas. Tem muitas mandonas. Poucas sabem conversar com a gente. Ainda tem aquelas que assam galinha pensando comer leitão. E as cartas foram amontoando. As palavras também. De fã número um passou a admirador incondicional e, por último, fervoroso. Depois as frases foram mudando. Não sabia muito do significado, mas achava de valor, diferentes, coisas que ninguém nem nunca ouviu. Sei que tenho, ou melhor, tinha, um corpo bem formado, pois viviam assoviando para mim pelas ruas. Nem li-

gava. Tive muitos pretendentes, mas nunca que duravam muito tempo. Eles gostavam mesmo, bem... deixa para lá. Sei que no início era uma coisa, depois outra diferente, até que acabava por acabar, simples assim, desapareciam. Não mudavam de costume. No início das cartas, eu ainda namorava um tantinho, coisa diluída, sabe como é, não? Também nem sabia das pretensões de quem enviava aquelas correspondências. Parei com os flertes. Resolvi conhecer o escritor daquelas lindezas. Marcou. Aceitei ir ao encontro que ele vinha querendo. Fui para, como se diz, matar a curiosidade, que eu achava que em mim não existia. E não tinha mesmo, no início. Depois, né? Que mulher não gosta de ser bem elogiada? Hoje somos, fomos, que nem casados. Ele brincava que era meu namorado, namorado e marido ao mesmo tempo. Eu respondia, provocando: Ou nem um, nem outro? Felicidade? Sei não. Acho que tenho. Não sei falar disso. E o amor? Também não tenho certeza. Isso para mim tem que ter justeza entre as duas pessoas. Ele era tão mais velho. Tão mais rico. Tão mais de conhecimentos. Fiquei descabreada no comecinho. É que estava cansada de viver de casa em casa. Isso ajudou muito no quando de decidir. As pa-

troas nem sempre davam certo comigo e eu tinha que ser sempre a dona da calma, já que as da casa eram elas, estavam sempre certas. Elas é que nunca andaram nos ônibus que eu pegava, dois ou três, todos os dias, só para ir; para voltar o mesmo, transportes lotados, muitas vezes em pé, esfregões inconvenientes que, para a gente, o silêncio era de medo, para o outro de aceitação, um nojo; e ainda ter que levantar cedo depois de dormir tarde ao chegar nas quebradas do subúrbio. Ele me avistava quando eu saía para fazer compras para a patroa do meu último emprego. Quando começamos, ele me falava das coisas que pensava quando me via. Tenho até vergonha de repetir, mas eu ficava toda fogosa, ele gozoso. Foi um tempo comprido de bom. Nem pude ir ao velório. Recebi a notícia de última hora. Só fiquei sabendo porque uma conhecida veio me contar. Quase não saio mais de casa. De qualquer forma, não poderia ir. A outra família estava lá. Os filhos dele são mais velhos que eu. E a saudade, como fica? Hoje não posso falar de saudades, mas vai chegar o tempo da falta. Aí sim, falta de uma conversinha de vez em quando, naquela dose dos dias combinados. Outras coisas nem falo. Acho que nos últimos tempos ele nem se interessava

mais por isso. Era aqui ou ali e raramente entre o aqui e ali, sem muitas exigências. Sempre aparecia nos mesmos dias da semana, no mesmo horário. Sempre, e o mesmo, era também seu beijo na testa antes de indagar se tudo estava bem. De chegada, queria saber como iam as coisas, proseava um pouco em pé e depois se aboletava na poltrona. Conversávamos até mais tarde. Falava pouco de seu pessoal, me perguntava muito sobre o que eu achava de tantas coisas que ele bolia na vida de comerciante. De fazendeiro também. Quando ia embora, tinha um boa-noite com um sorriso maroto de perguntar se foi bom. Era pessoa do bem. Não me faltava nada e nem vai faltar pelo que ele me zelou. Pensava em tudo. Pela nossa diferença de idade, ele sabia que se despediria bem antes do meu tempo chegar. Gostava de deixar as coisas no jeito, pois me tinha consideração, sabia que o guardaria na memória. E guardo. Tem horas que acho que é saudade mesmo, já apertando. No tempo dele, eu ficava mais nos afazeres domésticos. Saía e ainda saio pouco, já falei isso. Quando precisava, era para coisa rápida. Mesmo assim, algumas vezes, via-o na rua com amigos, com filhos e até com a amante, ou melhor, com a esposa. É que tem momen-

tos que acho que a legítima sou eu. Bobagem pensar nisso, afinal, existe esta tal coisa de legítima? Quem provoca o bem não precisa ter cisma. Minha vida mudou muito. Melhorou. Já passei muito perrengue. Mudava muito de emprego, ganhava quase nada. Tive que levar meu filho para meus pais criarem. Nunca mais os vi. Tinha tanta vontade de botar novamente os olhos em minha mãe. Não teve forma. Meu rebento, rezo muito por ele, hoje deve estar grande. Passei um bom tempo sem ter notícias até que me disseram que ele vivia com o avô, já velhinho, que nem mais andava direito. Assim que pude, fui buscá-los. Que nada! O velho também tinha ido para junto de Deus e, de meu filho, ninguém sabia o paradeiro. Isso me matou por dentro, vontade de fazer uma besteira na vida. Me colocou no prumo a ideia de ter um companheiro que me dava valor. Ele era assim, de serenidade, de agrados. Intimidades só no escuro, na penumbra de amor cortês, naquele mansinho, sem o afoito dos jovens. Me contava que não gostava quando os amigos diziam que ele tinha colocado mulher por conta. Deixa pra lá, era o que eu sempre dizia para consolar. Servia para ele e para mim. Já ouvi insinuações de que, na nossa situação,

quando o mais idoso morre, pode até dar mais vida ao outro. Concordo não. Mudadas as coisas do jeito que estão, carece de segurança em tudo lá fora. É bem capaz de cobrarem da gente aquilo que fazem às escondidas. Para isso, não falta criatura. Nem das miúdas nem das graúdas. Lá, querem enxugar nossas lágrimas, mas não sabem chorar. Ele repetia sempre que choro é água séria e não brota à toa nos olhos de quem é sincero, que choramingo sem motivo algum serve é para acudir precisão de esconder mentiras. Ele me ajudou até mesmo a ler direitinho. Comecei com livros de histórias românticas de mulher dama, da outra. Achava que poderia me interessar. Que nada! Eram todas diferentes do que sou. Por se mostrarem tão chiques ali dentro, resolvia largar o papel, digo, o livro. Começava outro. Com isso, na falta do que fazer, a não ser dona de casa, bordar e costurar, fui me aperfeiçoando na decifração. Gosto agora de enredos alegres, também daqueles que me fazem entender o rumo do que acontece na vida. Nos últimos tempos, ele vinha e eu nem precisava mais trocar as roupas de cama no dia seguinte. Será que é sempre assim? Que no começo, amantes, amancebados, fica tudo amanteigado e depois, com o passar do tem-

po, o insosso deixa até o pão sem sal no café da manhã? Amigos para sempre, né? Recentemente, passou pela minha cabeça que ele vinha para tirar provas. Benzadeus, nem posso pensar isso. Ele me tinha confiança. Mas está tudo bem! Aprendi muito com ele. Ainda agorinha, está me ensinando mais, mesmo calado de boca, desaparecido de corpo. Está por perto. Não posso ver, mas sinto. É um cheiro que é só dele. Perfume, não é mesmo? É, foi assim, não dá de esquecer. Tudo começou com uma carta. Depois outra. E depois tantas. Veja que engraçado! Nem parecia que daria nisso tudo. É, pois é. Hoje é um daqueles dias da semana que ele deveria aparecer. Só me resta caminhar até o quarto, deitar no colchão sobrando um lado, puxar a coberta até o peito, apagar a luz, esturricar solidão, alagar os olhos e recomeçar a esticar prosas de pensamento. Ah! Me lembrei. Teve uma vez que...

Belo Horizonte (MG), março de 2019.

O RIO DA CURVA

O murmúrio da água no rio de
tempestades é meu idioma.

(Em **Crônicas da dor palestina**, de Mahmud Darwich)

Da varanda da casa principal, despojada em um monte discreto, observa-se, num lance de vista, uma gravura campestre exuberante, decorativa, que descamba em um terreno suavemente inclinado, até esbarrar no rio que exhibe em seu traçado uma curva para a esquerda e, depois de rolar uma extensãozinha, imbica para a direita para retomar o rumo anterior, deixando para trás uma ponta, como se fosse uma ilha, seguindo então seu caminho para o sumidouro na mata fechada, lá adiante, depois da pastaria.

Pelo lado contrário, também da varanda, pode-se apreciar os paredões de um *cânion* formado por uma fenda estreita, enorme na altura, dan-

do a impressão de uma pedra trincada por um imenso formão. É de lá que o rio aparece. Um visual fantástico.

Saindo da casa, descendo uma trilha em meio a um mato ralo até encostar em sua beira, é grande o encantamento pelo simples toque naquela água límpida que, ao saltar sobre os gorgulhos que tomam conta de seu leito, nos joga uma sonoridade contínua, refrescante, reanimadora das forças vitais.

Cortando a fazenda de fora a fora, o rio é a alma da propriedade; já foi cúmplice; foi testemunha; foi observador calado de muitos acontecidos. Em uma certa época, abraçava, todo fim de tarde, os trabalhadores para o banho, levando na corrente os suores da jornada e preparando-os para o início dos regozijos noturnos. Não raro, oferecia seu remanso para acalmar quem desentendera, quem entristecera, e chegava à sua beira para buscar razões. Acolheu também, no cotidiano, a molecada nua para as brincadeiras, para as pescarias de piabas.

Sabedor das histórias de seus usuários, o rio guardava em silêncio as suas próprias.

Sua doçura e serventia foram atrativos para construção, na falsa ilha, de uma casinha que passou a ser residência de um casal prenehe do primeiro filho.

Naquele pedaço foi nascendo criança, crescendo menino. E o capataz, esparramando descendentes pelas matas e campinas, julgava ter encontrado o paraíso. Cheio de esperança, dava um viva à vida todos os dias, mesmo na forma arrastada em que a levava, tanto pelo nada que lhe sobrava no fim do mês, como pelos descontos na caderneta do patrão, que pareciam nunca findar.

Por não ter o riacho aprontado estripulias no passado, que trouxessem desconfiança, pelo menos de ouvir falar seus atuais utentes, uma certa tarde de chuva fina como outra qualquer, molhada de preguiça, apenas deixava a vida correr normalmente, sem dar sinais do que vinha descendo pelas cabeceiras; eram umas águas recolhendo outras águas, avolumando, lavando, enxaguando.

E a enchente vinha revirando, debatendo-se contra a própria inundação. Desaforada, abocanhava margens, agredia ramagens, invadia ribanceiras, lambia pedras.

Foi na madrugada que o caudaloso, saído do meio das rochas, apareceu como se fosse um monstro sedento de água rasteira. Quanto mais bebia, mais raivoso avançava, crescia a crista, abria as asas, empurrava tudo no molhado, não respeitando o caminho que sempre o conduzira para reverenciar aquele bico de terra, com suas prainhas de cascalho.

Chifrando com sua tromba d'água, foi engolindo tudo que aparecia pela frente. Espumava. Babava. Seu volume, de um denso ágil e apavorante, afogou a ilheta, arrastou paredes, telhas, utensílios domésticos e moradores, que ninguém encontrou. Nunca mais. Só deu sinal de querer amansar depois do dia brotado e, ainda assim, esbravejava, provocativo, pavoneava com desdém o lamaçal que era capaz de aprontar.

Escorridas as horas, a velha ilhota aflorou, recompondo sua forma, boiando, nua de tudo. O rio, cordeiro, pacífico novamente, com o tempo voltou a encantar aqueles que não sofreram com as dores esparramadas pelo aguaceiro selvagem.

Hoje, quando na ilha bate os olhos, seja lá em que parte da fazenda esteja, um rapazote revê as imagens da melhor época de sua vida, quando

tinha ao seu dispor o carinho dos pais, a companhia e as brincadeiras com os irmãos.

Desencantado, não sabe se agradece a Deus por ser o único que restou da família, ou se não seria melhor estar junto deles em um mundo melhor, outro plano, conforme o ensinaram sobre a existência, durante as missas de domingo.

Descrente de tudo, julga que suas tantas orações, carregadas de fé, de até tão pouco tempo, não subiam aos céus, que estão espinicadas, acomodadas no fundo daquela friorenta água.

Acordar! Queria acordar, como se não passasse de um sonho angustiante, mas a realidade o sacoleja forte, para pregar que os infortúnios não pertencem somente aos outros, e que também não giram ao redor das pessoas apenas lá no bem longe.

Taciturno, trancado consigo mesmo em esconderijo alicerçado com sua amargura, sente muita saudade. Cada vez mais. Seu coração não sabe decifrar que a pior delas é quando não se consegue apagá-la, pois, impiedosa, também se fecha em seus limites como tristeza definitiva.

Lembra, com mínimos detalhes, da manhã em que deixou naquela curva de rio os pais e ir-

mãos orgulhosos, festivos, por ter sido o primeiro a se despedir na busca de um futuro melhor com os estudos, o que certamente seguiria com os outros, até chegar ao menorzinho. Não deu. O abuso do rio trouxe marcas que a natureza não saberá serenar.

Sozinho, sua escola agora é a lida rústica para aprender, seguindo a profissão do pai, a tomar conta de quinhão alheio.

Urubici (SC), agosto de 2006.

ÁGUA-EMENDADA

...decisão que acaba de tomar e que, por certo, há de lhe abrir novos rumos e traçar novas perspectivas no caminho escabroso e acidentado da vida.

(Trecho de carta que Geraldo Abdalla enviou ao irmão
Adib Salim Abdalla, em 7-11-1951)

Águas passadas não tocam monjolo...

Tal ditado o fez pilar inquietações.

Encharcado de passado, socava sentimento de falta, triturava inconformismo por não ter feito mais, moía suspiros de “ah, saudade! “ah, arrependimento!”

Seus pensamentos eram um afluente túrbi- do com destino à bifurcação, impertinente, sem ambições.

Sentado na beirada, vislumbrou que a água escorrendo aos olhos, nem tão rasos ainda, poderia, até mesmo antes da dobra do rio, voltar ao firmamento, surpreender em forma de tempestade. Seria a mesma água, igualzinha. Diferente

era a sede que tinha de matar para viver, insistente, retornando sempre, sem demasiada demora, para sacudir novas ilusões de secar a boca.

Um repente de estalo, água-de-oxalá. Não queria mais ficar obscuro, limitado à margem, soletrando pacacidades, esperando sem saber das nascentes.

E ainda com o veio resumindo? Que nada!

Queria enxergar além de uma orla pregada à terra e a ela, quando muito, uma roda d'água afixada, asfixiada no barranco, girando sem sair do lugar; como as coisas entranhadas no seu âmago, bem emaranhadas, que não o deixavam encontrar sequer uma gota para umedecer, amaciar a busca de um diferente rumo, de um leito menos escabroso, menos acidentado, e que pudesse deixar na largada os pedacinhos do que já deveria ter rasgado.

Não bastava deixar rolar água abaixo, era preciso navegar, mudar o curso, desembocar em correntezas, saber sobre a claridade da superfície, sobre a escuridão da profundidade, nadar, diferenciar os rios, riachos e ribeiras.

Desvanecedora e bondosa iluminação! Enthusiástica decisão tomada ao perceber que estava

de braços dados com ele mesmo, flertando uma saída; era sua única entrada. Resolvido, mergulhou; e pôs a mão no remo.

Ilhéus (BA), junho de 2019.

O PÉ DE CHINELO

O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva.

(Do livro **Terra Sonâmbula**, de Mia Couto)

Um monte de areia que apareceu do outro lado da calçada, em frente à sua casa, era promessa de brincadeiras no fim da tarde. Chegaria do grupo escolar, trocaria rapidamente o uniforme e aproveitaria o resto da claridade para colocar em prática o que estava imaginando. Sonhava, em plena aula, com aquele monturo para substituir os amigos que não tinha, no fim de mundo onde a mãe e a avó foram morar.

Aquele turno escolar custou a passar. Finalmente teve andamento o que planejava. Improvisava os brinquedos. Ora cavava buracos na areia como se fossem armadilhas, ora se escondia atrás do monte, levantando devagarinho

a cabeça, a espreitar. Para atacar de surpresa o inimigo que se aproximava, usaria sua espada, um pedaço de ripa que encontrou jogado. Soltar um brado de vitória.

Distraído, não viu o tempo correr. Hora de entrar para casa. Não queria. Mas era sempre uma necessidade, para evitar a berraria aguda da avó: “chega, pode parar com isso, passa já para dentro”. E o outro pé do chinelo, onde estava? Olhou por todos os lados, nada. Fez uma varredura por onde tinha se afastado para eliminar os adversários, não encontrou. Começou a esburacar a areia, em vão.

Não demorou. Os gritos da velha começaram e, quanto mais diminuía o intervalo entre um e outro, mais aumentava a urgência de encontrar o outro pé do chinelo.

Fez promessa de prestar atenção na aula do dia seguinte, seria o tempo todo, jurou. Sentou no chão gorgulhento da ruela. O coração acelerando agonia o fez desesperar. Soltou um pranto de derrota.

Tinha medo de lobos que poderiam aparecer quando começava a anoitecer. Acreditava nessa ameaça que a avó sempre espinicava para que

ele não ficasse zanzando ao escurecer. Tinha pavor também dos tapas que ela descarregava, que não media quantidade e nem força, acertando em qualquer parte de seu corpo fraco, parando apenas quando uma carga de satisfação aparecia no semblante gordo da velhusca.

Restou em uma dúvida cruel, até que decidiu não enfrentar os lobos. Entrou sem um pé de chinelo. A avó iniciou o interrogatório, mas, no meio de uma frase, sentiu queimar as lambadas da mão pesada, que não deram tempo para explicar. Com o pé de chinelo que restara, o espancamento foi completado. “É para largar de ser atrevido...”, arrastou estas palavras empinando o nariz para esticar a humilhação.

Não conseguiu jantar. Foi direto para a cama, com o coração roncando fome de querer se alimentar de outra vida. Um calafrio trouxe a frieza do rancor.

Com o sono que não chegava nunca, sentimento escanhado, ficou fazendo perguntas sem dar prazo para qualquer resposta, que sabia não existir. Era uma em cima da outra. Questionava os motivos de ter apanhado tanto por causa de um chinelo velho, que nem mais estava cabendo

em seu pé, ainda mais que ouvira a mãe conversar com a avó sobre a necessidade de providenciar outro par, que fosse pelo menos um pouco mais conservado se, porventura, as coisas não dessem certo com um novo da loja. Aquele fim de tarde nunca mais saiu de sua memória. A alma ficou doída.

Não conseguia entender os motivos de apanhar daquele jeito. Se estivesse mesmo errado, por que não um castigo no lugar de esmurro? Arrazoou que não fugiria do castigo, nem tinha amigos para brincar, então para quê fugir? Podia até amarrar suas pernas na mesa, não importava, ruim mesmo era apanhar, maltratava mais, muito mais. Pior que as marcas, era uma coisa que grudava dentro da gente, pensou e não sabia explicar, uma coisa esquisita, um desamorço de tudo. Queria esquecer logo aquilo, mas não conseguia despachar o desgosto daquele momento.

Travou os olhos abertos por um bom tempo de escuro. Imaginava por onde andava o pai que nunca vira. O que fazia a mãe que pouco falava com ele, que saía tarde da noite, que chegava mais tarde ainda, que às vezes nem voltava no

outro dia, que dormia a manhã toda enquanto ele estava em casa antes de ir para a escola.

Continuou remoendo com seu adentro. Aquele entardecer foi demais, não precisava de tudo aquilo sem nem tanto motivo, ele ainda poderia achar o pé de chinelo na manhã seguinte, bem cedinho.

Já tinha apanhado muito, mas igual nunca. Em outras ocasiões, ficava entristecido, mas nada parecido. Nem mesmo no dia em que, do inesperado, recebeu uma tungada na cabeça durante o almoço, já arrumadinho para ir para a escola, de uniforme, pasta e tudo. Lembrou perfeitamente que, quando acabara de colocar uma garfada na boca, a nuca latejou com a lapada. Continuou comendo, engolindo sem mastigar para não ficar com fome durante a aula. As lágrimas caíram se misturando com a comida no prato. Depois é que se lembrou. Naquele dia, estava animado com os jogos escolares que aconteceriam durante o recreio e, sem querer, gesticulando alegria, tombou um restinho de suco amarelo que estava no copo. Fez de tudo para se convencer de que o erro era seu.

Mas hoje foi muito, pensou mais uma vez antes de dormir, achando até que não tinha nas-

cido da mãe, que aparecera por ali sem saber como, só para colocar obrigações nas pessoas.

Na manhã seguinte, a casa estava cheia de seus colegas de escola. Algumas caras e sorrisos não eram conhecidos. Deviam ser amigos dos amigos, pensou e achou graça. Isso não importava. A felicidade estava naquela povoação que até transformara o simples barraco em palacete. Espaço não faltava para as brincadeiras e correrias misturadas às vozes entusiasmadas da molecada. Era como se estivessem em uma imensa pradaria. Tomavam conta dos arteiros duas fadas madrinhas vestidas de verde e branco. Lembrou da areia. Chamou a todos para ganharem a rua. Estava lá, igualzinha, e foi invadida pelas crianças, parecendo mais flocos de neve quando a brincadeira passou a ser jogar para o alto, mãos em conchas, porções de regozijo. Foi quando alguém gritou, balançando um pé de chinelo, “olha o que encontrei”. O menino anfitrião passou a mão no achado e correu para dentro de casa para anunciar a boa nova. Ao empurrar a porta, deu de frente com a mãe e a avó estateladas no meio da sala, braços cruzados, caras enfurecidas, vestidas de preto. Retornou voando

para a rua, não encontrou nenhum dos colegas. Puro deserto. Acordou. A carne ainda ardia. Apartou do sono de vez, viu o dia clarear.

A partir daquele pôr do sol, os dias pareceram nem mais raiar, o desânimo derreteu em tudo. Só tinha a certeza de que com pancadas não aprenderia e, com elas, a avó nunca ensinaria.

Ninguém, jamais, o conduzira pela mão, nem vertera atenção para conselhos, orientações.

Carregou em sua partida uma muda de roupa, uma escova de dente e um sabonete. Tudo pela metade. Tudo apertado num embornal de pano surrado que também acomodava, escondido no fundo, o pouco dinheiro para as passagens e, se desse, alguma sobra para matar a fome.

Buscando amansar a travessia, ainda pré-adolescente, nos pés sapatos desgastados, calcando passos de esperança, de querer crescer, de subir, esquecer que não estava levando saudade, muito menos que alguém lamentaria sua falta.

Começou a trabalhar muito cedo, no tempo ainda de brincar, de estudar. Ao completar a maioridade podia-se atribuir-lhe uma idade mais

avançada. Portava no rosto um ar de lugar nenhum, até mesmo quando ouvia palavras que poderiam ser traduzidas como afeto. Acabrunhado, sempre, adquiriu um andar indeciso, um dorso curvado de tanto arrastar a necessidade de sobrevivência em troca de pegar no pesado batente.

Sabia agora o significado de uma mariposa da noite, de uma tirana. Das grimpas de um andaime, fez descanso para um cigarro. Passeando os olhos ao acaso, não atentava para a beleza do céu azul com o branco das nuvens em pinceladas, movimentando mansidão. Também não percebia, pertinho, a beleza dos coqueiros, palitos saudando um mar a se perder na imensidão.

Não adquirira noções para apreciar, era a tudo indiferente.

Na primeira tragada, expirou com a fumaça um resumo dos seus últimos dias. Na baforada, lançou o desejo, quem sabe, de um tranco de sorte para vencer a etapa de construir moradias para gente grande e depois só poder se amiudar, cada vez mais, do lado de fora.

Ficou assim, gastando sonhos, arrastando olhos.

Ao abaixar a cabeça para enxugar o suor da testa na manga da camisa, topou com a vista em um monte de areia lá embaixo, depositado ao lado do portão de entrada da construção, onde um menino despistava de outros, brincando de pique-esconde. Deu vontade de gritar bem alto, muito alto, para que outras pessoas, seja lá onde estivessem, escutassem. Não teve forças para emitir. Só ele ouviu a própria voz engasgada: “ainda acharei aquele pé de chinelo”. Pensou, era no que sempre pensava, como se fosse a única cura para uma lembrança ruim, uma doença mal curada na infância que voltava sempre a atacar.

E o andaime balançou...

Praia do Cururupe (BA), outubro de 2015.

A ROSA DO JARDIM

As rosas caem, os espinhos ficam.

(Ditado popular)

- **P**ai, o que vou estudar quando crescer?

- Isso a gente não pode saber agora. Vai chegar um tempo em você vai escolher de acordo com a vontade que der, aqui ó, em sua cabecinha
- respondeu, batendo carinhosamente, com o indicador esticado, bem no cocuruto da garotinha.

- Entendi.

- Seu pai, aqui ó, só toma conhecimento do que é da roça, é um roceiro, entendeu?

- Entendi – disse a menina, desviando a cabeça para evitar novas marteladinhas do pai com o dedo.

Essa e outras conversas foram lembradas, entre risos, no jantar daquele anoitecer, uma re-

feição especial por ser véspera de formatura da filha que, sendo a mais velha e única voz feminina da filharada, era chamada pelos pais e irmãos de “Rosa do Jardim”.

Ela puxava a fila na trilha dos estudos, tendência de toda a prole, o que dava muita satisfação ao pai, já que lhe fugira, desde menino, essa oportunidade.

A mãe, também originária do meio rural, onde em um tempo ser dona de casa era profissão, lembrou da mudança para a cidade justamente com o pensamento na escola para a meninada. Detalhou como eram quando ingressaram nos estudos: aquele mais preguiçoso para levantar cedo; o mais enrolador para fazer os deveres de casa anotados no caderno; a dificuldade que ela mesma tinha para acompanhar, cobrar, já que o pouco que esteve no colégio de freiras não a deixou ir muito longe, chegando sempre o ponto em que os meninos emparelhavam para, logo, logo, mostrarem que já sabiam mais; restava a ela, então, rezar para que tudo desse certo.

Entraram na roda da alegria os fatos engraçados protagonizados por cada um. As risadas remetiam a um tal de “conta aquela que ...” ou

“agora a do...” Sobrou para todos. Sobre o pai, imitavam, animados, os gestos dele quando agitado ou emocionado, inclusive as reações no corredor do hospital, aguardando o anúncio do nascimento de um rebento. “Um chorão”, dizia alguém. “Manteiga derretida”, pronunciava outro.

Chegada a vez de relatar os episódios da mãe, com todos querendo falar ao mesmo tempo, o resultado foi uma chuva de vozes que findou em uma disparada de gargalhadas.

Como o jantar se estendera até mais tarde que o comum, em seguida tomaram todos o rumo da cama. O pai, mais exaltado, exagerando um pouco na dose, foi empurrado pela bebida, arrastando um boa-noite geral.

A formanda se recolheu com a intenção de terminar a leitura de um livro, ainda naquela noite, para que nenhum tipo de compromisso fosse empenhado para o dia seguinte, seriamente planejado tão somente ao salão de beleza, à última prova do vestido e, naturalmente, fazia ela questão, às fofocas com as amigas antes do festejado evento.

Ao fechar o livro “O jardim das rosas”, de Saadi, começou a destrinchar os sentidos do úl-

timo dito: “sê como o sândalo, que perfuma o machado que o fere”. Conhecia esse ditado, mas não sabia, até ali, o autor.

Foi derivando o pensamento por outros provérbios populares, quando escutou um barulho:

– Lá fora, um gato, certamente – pensou.

Apagou a luz da luminária de cabeceira. Percebeu que os barulhos continuavam. Algo a fez concluir que os ruídos estavam do lado de dentro da casa. Não pensou duas vezes. Levantou descalça e, pé ante pé, pensando que todo cuidado seria pouco, foi chamar o pai.

No quarto de casal, a esposa, também percebendo que algo estranho estava acontecendo, cutucou o marido que roncava e, apavorada, em um só fôlego, cochichou, severa:

–Acorda, acorda! Escutou, escutou? Parece ser ladrão!

No instinto, com os sentidos embaralhados, ele passou a mão em um revólver que estava na gaveta do criado-mudo, apontando-o em direção à porta que começou a abrir lentamente, quando a pouca claridade era suficiente apenas para

mostrar um vulto aumentando à medida em que era empurrada.

Em pensamento, de início, apertaria o gatilho com a mira para errar, para espantar, apenas. Seu cálculo deu errado, o alvo foi atingido no peito, empapando o tecido.

Antes do baque seco no chão, ela sentiu a fragrância de sândalo e ele, como um machado a lhe decepar a cabeça, ouviu a doce voz, em um tom afetuosos:

– Papai, sou eu...

Brasília (DF), maio de 2018.

AGONIA

Ninguém ouve o choro alheio quando
tem a alma contente.

(Do livro **Destino**, de Humberto de Campos)

A pessoa estava de uma forma tal que sumiram todos os jeitos, que tudo parecia acabar em recordações sem peso, em tormentos sobre seu ser tão árido, já perdido das pernas para correr em busca de qualquer por aí além. Não festejava mais. Não tinha ambição. Indiferença. Ludíbrio.

Na tentativa de querer fazer valer algum momento, peneirava as lembranças, passando pela infância, pela adolescência, pelas amizades, pelos namoros. Não achava em quê se agarrar. Tudo distante. Restava nada. Continuava titubeando na sua vidinha para o chão de cova, sem encontrar nem pedra que pudesse, pelo menos, esbarrar o tombo.

Ao deitar, não conseguia dormir. Insônia pirracenta. Olhos escancarados alfinetavam o teto, gangrenavam solidão de noite escura, tentando alçar voo em céu de brigadeiro; e acabava planando em aflição. Sem conseguir aterrissar, despencava no impossível de mexer no ontem.

Drenava o choro. Como uma ave de rapina cega, sem pena das próprias asas desengonçadas, debatendo-se, inútil, drapejava contra a corrente de vento: uma flâmula sem brasão nem razão.

Em prescrição ilógica, jejum involuntário, murchou o físico, carregando um rosto definhado a salientar as linhas de um aspecto ossoso, ameaçando perfurar a pele descuidada, uma fisionomia prostrada aparentando idade bem mais adiantada do que a verdadeira. Um corpo emperado ultimando por reparos de manual atenção.

Sofria. Em seu vazio tentava cultuar saudades do que deixou de desfrutar pela vida, que acabou se transformando em um arrasto. Só ela sabia do desvario que trouxe o apagão da alegria que tinha no auge da juventude.

Desdouro. Emergiu uma vontade esquisita de querer morrer no passado. Desvivido estava

o porvir. Acreditar no futuro sabendo que a cada pancada do ponteiro de segundos já é passado? Era sua pergunta da vez, mesmo sem se preocupar com a resposta. A realidade encostando chegou fria, uma sombra que suprimiu as luzes de um tempo, tempo em que ainda poderia se preparar para os sonhos.

Se isolou. Lá fora, alegre ou triste, mostrando palpitações, a vida continuava correndo as avenidas, agitando os becos, passeando nas calçadas, fazendo lembrar quando disse o escritor que o contentamento de uns faz esquecer o choro alheio.

Maldita alma depenada encarnada em vida penada.

Sem a liberdade de um espírito em temperança, não conseguia mais ver as estrelas voarem, nem os pássaros brilharem.

Patrocínio (MG), abril de 2011.

POUSADA MUSEU

Uma coisa existe quando a gente acredita nela; e como uns acreditam em monstros e outros não acreditam, os monstros existem e não existem. Os medrosos são os maiores criadores das coisas. Não tem conta o que lhes sai da imaginação.

(Conversa entre Saci e Pedrinho. Do livro **O Saci**, de Monteiro Lobato)

Pousada Museu, ou Museu Pousada, como o próprio dono gosta de indefinir, é um lugar onde o tempo faz relíquias, as peças antigas montam histórias.

Instalada em um casarão no centro da cidade, possui uma fachada nobre, com duas largas portas em madeira entalhada, verdadeira obra de arte, e oito janelões da mesma madeira valiosa. O ar de soberba protagonizado pelos frontões e capitéis pintados de azul, contrastando com a alvura das paredes, forma um conjunto de destaque na praça principal.

A eira e a beira dão um acabamento maravilhoso, unindo paredes à cobertura assentada

sobre madeiramento em cedro e suportes roliços. Em cada canto do telhado, um dragão espreitador, feito de latão, mantém a boca aberta, pronta para entornar a água da chuva.

Os atuais proprietários sustentam o palacete da família como era há mais de uma centena de anos, guardando a maioria do mobiliário e seus cômodos de maneira a fazer com que os hóspedes se transportem para uma época, viagem para um passado de que, muitas vezes, apenas ouviram falar. O antigamente foi minimamente adaptado para a transformação do vetusto casarão em hospedagem em uma cidade colonial, que também sabe manter suas principais belezas: o piso centenário de suas ruas, becos e vielas, palcos de esplendorosas serenatas; o formato irregular de suas praças, largos que recebem bandas e orquestras nos fins de semana; o folclore de sua população.

No interior da pousada, os cômodos, com assoalho brilhando em largas tábuas em madeira de lei, esnobam um ar senhorial, guardando em seus ambientes as horas, os minutos escorridos na serventia de longevos.

Dos tetos altos, forrados com esteira de taquara, pendem lustres de cristal em formatos diferentes, mas de iguais opulências.

Na sala, transformada em recepção, são expostos gramofones, rádios, cadeiras e bancos seculares, fazendo a imaginação do hóspede cair, admirada, lembrando equipamentos e acessórios utilizados há tempos, ou, para quem nunca os viu, dar piruetas nas ideias para saber o que são, como funcionam.

A cozinha, hoje o salão do café da manhã, tem cristaleiras repletas de louças de época, porcelanas que encantam.

Os quartos guardam, nas suítes de agora, a aristocracia das camas usadas no tempo do império. Também são ornamentados com arcas, penteadeiras, peças que concorrem com os mais requintados antiquários, além de quadros enormes, pinturas em óleo sobre tela emolduradas por largas madeiras trabalhadas.

Conta ainda o palacete com uma biblioteca repleta de volumes raros, capas duras luxuosas, sem muitas cores, enfileirados em estante de tábuas maciças. Embutida neste grande móvel, uma linda escrivaninha em jacarandá ampara por-

ta-canetas lotados de exemplares com bicos de pena, pesos para papel em pura prata, abridores de cartas com cabo de madrepérola e mata-borrões. Um tinteiro em porcelana arremata o belo conjunto.

Em espaços amplos, que ligam uma sala à outra, preservados em redomas de vidros, bonecos em miniaturas, com os mínimos detalhes no que se refere a vestimentas, equipamentos e adornos, representam os principais festejos sagrados e profanos da comunidade.

Os hóspedes podem também apreciar uma capela pequenina no porão, com confessionário e todos os paramentos para cerimônias encomendadas pela família em épocas passadas, sobrenomes sinônimos de posse, de poder, desde a capitania.

Distribuídas em seus incontáveis corredores, ou nos vestíbulos formados nos ângulos das escadas, peças exuberantes fazem parar os mais curiosos: relógio de pé, do século XX, com mais de dois metros de altura, em mármore, esmalte e bronze; antigos relógios de mesa e de parede; bustos e estatuetas sobre diferentes aparadores em madeira nobre, tampões em granito, todos com ricos detalhes em metal dourado. E muito mais.

Em toda a casa são observados o novo e o velho entre as paredes, o contemporâneo em um mínimo, a combinar com o domínio barroco, compondo o ambiente sem perder a harmonia, o apuro e o primor.

Nos ambientes coletivos, uma música, em volume discreto, pulveriza no ar cantos descansados dos corais de mosteiros.

A imponência atrativa da construção, sua aparência grandiosa, visgam histórias acreditadas pelo povo, juramentadas por muitos, testemunhas auriculares que, evocadas pelos proseadores em seus arremates de “fulano viu tudo”, “cicrano não me deixa mentir”, nunca são encontradas para uma conversinha sobre os detalhes de confirmação.

O majestoso atrai o mágico. Sobre o casarão, circulam pela cidade lendas diversas. Histórias muitas misturam o real com o imaginário, maravilhando a mente dos ouvintes, que pouco se importam com o que foi ou é. Para quem der ouvidos, justificam os mais crentes que os acontecimentos atuais, esparramados sobre aquela fidalga residência, brotam da energia que peças antigas carregam pela servidão secular, nas quais

foram deixados tatos, suores, olhares de admiração, de inveja. Também estava o mobiliário presente nos relacionamentos de bem querências, de desafetos, guardou segredos em suas gavetas, acomodou gente das mais diferentes naturezas em cadeiras de alto espaldar, sustentou corpos amantes em seus leitos desde o período em que o colchão de palha era o conforto.

Não raro, alguém conta que hóspedes, ao fazer uso de penteadeiras, muitas vezes veem, através do espelho, imagens de pessoas ao fundo, mas que, quando giram sobre os calcanhares do espanto, nada encontram. Já para os céticos, essas aparições nada mais são que adaptações que vão de um lugar a outro, viajam pelas imaginações, sofrem mudanças e são apresentadas da melhor forma que convier ao palestrante, que tudo não passa de pura invenção; ainda mais que as descrições de quem surge do inesperado são figuras de um tempo distante, com trajes que hoje só são vistos em gravuras nos livros de história do descobrimento, ensinamentos sobre o período colonial.

Quando o vulto é feminino, dizem que se mostra em vestes de cauda comprida, moldadas

com espartilho. Inevitavelmente, seguram um leque aberto à altura do rosto branco, alongado, ameaçando um sorriso nos lábios finos. Tudo encimado por um coque bem feito nos cabelos, com enfeites em ouro e diamante que são de assustar pela beleza.

As figuras masculinas normalmente se exibem no mirador trazendo longas suíças, usam cartola, fraque escuro e bengalas crivadas de exornações metálicas.

Dizem que, certa feita, um viajante, chegando pouco antes do primeiro branquejar do horizonte, depois de um baile, ficou impedido de atravessar o corredor que dava acesso a seu quarto. Foi que, segundo ele, naquele momento ocorria uma procissão bloqueando a passagem, procissão ronqueira realizada pelas miniaturas que vira encerradas nas caixas de vidro. Estatelando os olhos para baixo, sacudindo a cabeça em trancos querendo afugentar as imagens, não teve como deixar de ver passarem por ele os andores, as imagens de diversos santos e santas, sentiu o cheiro do incenso, ouviu as catracas e os cânticos gregorianos entoados pela grande presença dos pequenos seres.

Relatou ainda o boêmio que, logo após a procissão, sem dar fôlego, seguia outro bloco de bonecos com a festa do carnaval, fazendo um barulhão danado de reboante com o rufar palpitante dos tambores, o grito estridente dos clarins, o debochar requebradiço das danças. Fez o sinal da cruz, se benzendo, quando percebeu que era a dessabença querendo cutucar o religioso, pedindo passagem para abreviar o arrebanho de pecadores, que nem ele. Foi o que sentiu.

Se quem conta não desconta as alucinações, facilitadas pelos excessos brilhosos das taças, permanece então o caso do viajero creditado às coisas que ultrapassam o natural.

De todas as histórias propaladas pelos ventos, uma está cravada no coração dos habitantes, que faz florescer e escorrer sentimentos de paixão e justiça, com a qual se emocionam quando relatam o episódio. Só não iniciam a narrativa com “agora tem uma que é verdade”, para não diminuir as tantas outras.

Não traz o episódio nada de novo quando comparado aos grandes enredos onde brotam amores ardentes, que embelezam a vítima, embrutecem o algoz, gerando, no útero seco da

crendice, um fruto em forma de anjo ou demônio que ninguém nunca viu.

Contam que, na pousada, os hóspedes começaram a perceber, a altas horas da madrugada, ruídos torvelinhando a calma. Descrevem tais sons como um farfalhar de tecidos que, junto a um arrastar de chinelos pelas tábuas dos corredores largos, fazem ecoar um som que nenhum humano provoca ao caminhar. Para apimentar os fatos, adicionam que se trata de coisas para eriçar os pelos, esbugalhar os sentidos.

Tal caso assombrador, na medida em que alguns, piriricando de medo, a ponto de fazerem estrugir um simples voo de um pernilongo em um barulhão endemoninhado, fogem espavoridos, se benzendo num cruz-credo, “nunca mais volto aqui”; outros, de fé, mais espiritualistas, curiosos das coisas do além, ou se dizendo entendidos em almas de outro mundo, chegam em substituição.

No auge das caminhadas noturnas, escorreram, de nascedouro desconhecido, águas de um acontecido comparado somente àqueles dignos de saírem das páginas de um livro para colorir palcos e telas. Contam que, décadas atrás, uma linda moça, ainda criança quanto à submis-

são ao pai, sem o domínio das próprias vontades, se casou a contragosto, já que amava fervorosamente outro rapaz. Era uma época em que os compromissos dos coronéis, baseados no duvidoso fio de bigode como honra, tinham que ser cumpridos, nem que fosse a ferro e fogo. Assim, a donzela foi jogada nos braços de quem não queria afagos. Tratava-se de um mancebo ordinário na fisionomia e cuja formação, dados os boatos, não possuía virtudes, pois não lhe sobrava nada, uma vez que os elogios saltavam, todos, para compor a beleza e a dignidade que entalhavam a noiva.

Pois bem. A lua de mel, que era para acontecer naquele casarão, à época o mais suntuoso da região, verdadeiro sonho para a primeira noite de uma donzela, e até mesmo para quem não o era mais, parece não ter ido longe, embora ninguém saiba ao certo até onde prosperou, se é que ou se é que não.

Dizem que no descuido dos preparativos para o arrulhar das rolas nubentes, um pedaço encascalhou os sentimentos da rapariga, empedrou suas vontades, fez esvoaçar o que poderia ser uma vida ao lado do mancebo que amava de

verdade e, nua, branca como o último vestido que usara, vingada no desgosto, jogou sua alma ao abismo dos ventos e recolheu seu perfume. Nas resenhas, anda de boca em boca que ela aparece para resgatar qualquer tiquinho de seu que ficara nos lençóis, bordejando, então, seus ares pelos corredores.

Como reza o ditado, que o diabo arma e desarma, outra versão discorre igual em quase todo o corpo da narrativa, alterando apenas o final. Nessa, os prosadores afirmam que os passos são de carne e osso, pertencem a um ancião que de tempos em tempos aparece, aluga o aposento de sempre e sai na calada da noite, usando pijama largo para o corpo mirrado e pantufas em dobro dos pés, apressando um caminhar miudinho.

O velhinho começou a frequentar o antigo quarto ao saber dos rumores que circulam pela cidade, que fizeram dele um obstinado à procura do que perdera em noite escapulida, quando surrupiaram sua virgem e a levaram para quem sabe lá onde.

Diamantina (MG), outubro de 2018.

(Com o testemunho do mais afamado pescador da cidade e do dono da barbearia instalada ao lado do casarão)

SINCRONISMO

Sob o céu, nada é eterno; por que te
empenhas, pois, em evitar o inexorável?

(Do livro **As mais belas páginas da literatura árabe**, texto
“Uma filosofia de vida” de Iliá Abu-Madi)

Em algum canto, sem que ninguém tenha visto, cai a folha seca de uma árvore.

Em um decanto, bem naquele momento, um jogador comemora a pedra que cai no jogo de bingo.

Lá no acolá, embevecido, um casal se mistura no cair dos panos.

Em outro lá longe, sob olhares caídos, uma sepultura recebe paz de terra.

* * *

É como sentir que a sede não é mais sua, é da ilusão, que principiou o tempo em que a fra-

se de organizar palavras atingira o parágrafo final, escorregando para a derradeira linha onde, chegada a hora de virar a última página, deseja o escritor apenas que as capas se tornem guardiãs de suas histórias.

* * *

F_{im}

Belo Horizonte (MG), dezembro de 2019.



Fabiano A. Salim

nasceu em Patos de Minas. Viveu a infância e adolescência na cidade de Patrocínio, Minas Gerais. É Engenheiro Agrônomo. Publicou seu primeiro livro em 2015. Recebeu diversos prêmios literários. Contato com o autor: fabianosalim@gmail.com



ISBN 978-85-923868-2-5



9 788592 386825